

## **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

*O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.*

### **Por uma memória do livro, da vida e do ofício: o projeto *Editando o Editor***

Jerusa Pires Ferreira\*

O projeto foi desde sempre um laboratório, em que se pudessem reunir e processar os relatos de algumas importantes experiências profissionais a serem colocadas nos matizes de suas práticas, nos seus erros e acertos, impasses e ousadias. Partimos de uma ausculta definida e dirigida. Não aquela que, por sua vez, se faz em eventos, em convites episódicos a profissionais da edição, e de que se retêm apenas eventuais fragmentos, como disse na introdução ao primeiro dos nossos livros da série *Editando o Editor*, Jacó Guinsburg. Aliás, o título expressivo para batizar a experiência foi encontrado juntamente com ele. Ali, decidimos que aos depoimentos destes profissionais viria reunir-se o exercício dos estudantes, sem hierarquias de pesquisas (mestrado e doutorado) e de graduação: “O de escutar, gravar, selecionar e, finalmente, editar o pensamento nuclear de cada um desses profissionais, respeitando o fluxo de seu discurso, seu ritmo próprio, seus saberes peculiares, suas formas de expressar a vida, experiência, trabalho”.

Desde que surgiu, o projeto teve a intenção de recuperar vozes vivas. Não se trata aqui de entrevistas baseadas em questionários, como já disse, mas do enfrentamento de possibilidades expressivas de alguém

---

\* É professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, e coordena o Centro de Estudos da Oralidade no mesmo programa.

especialmente escolhido. Há o desafio de lidar com editores em foco, respeitando-os e procurando demarcar, por meio de algumas opções, o estilo, o perfil, a atuação. Procuramos situar a *persona*, os personagens e observar sua inserção na história cultural do nosso país reunindo, sem discriminar, editores de vários tipos. Dos mais preocupados em difundir um pensamento de ponta até aqueles que trataram de editar e vender a literatura de folhetos, a de cordel e os textos de manuais populares que encarei no âmbito do que denominei “Cultura das Bordas”.<sup>1</sup>

Foram então editados:

1. Jacó Guinsburg - Editora Perspectiva, 1989;
2. Flávio Aderaldo - Editora Hucitec, 1992;
3. Ênio da Silveira - Editora Civilização Brasileira, 1992;
4. Arlindo Pinto de Souza - Editora Luzeiro, 1995;
5. Jorge Zahar - Editora Zahar, 2001.
6. Cláudio Giordano, da editora Oficina do Livro/ Giordano Editora, 2003;
7. Samuel León (em curso);
8. Cleber Teixeira - Noa-Noa (em curso);
9. Dorothee Bruchard - Editora Paraula (em curso);
10. Cortez (em curso);
11. Editor Plínio Augusto Coelho – Editora Imaginário Anarquista (previsto);

Num projeto dessa natureza, quando se procura aprisionar em momentos as histórias de vida, de profissão, de acertos e desacertos, quando se convida alguém a um desvendamento de parte de seu trajeto, um mergulho na memória que acende atuações presentes e futuras, contamos com as mais inesperadas e diferentes atitudes. Há os que falam e os que não

---

<sup>1</sup> Conceito desenvolvido no artigo “Heterônimos e Cultura das Bordas: Rubens Lucchetti”. In: Revista USP, nº 4, dezembro/janeiro/fevereiro, 1989/1990.

gostam de falar. No caso de Ênio da Silveira, foi enorme o material transmitido, era como uma torrente de vida e de personalidade. Respeitamos isso. Quando lhe pedimos que lesse e revisse o nosso recorte (aquele entre outros possíveis, e é preciso lembrar que todo recorte é uma abstração) e a nossa transcrição, ele nos respondeu que o que fizéssemos estaria bem feito. Não houve, portanto, a verificação da “veracidade” do relato em relação a um tempo histórico. Houve a coerência, em si mesma, de uma fala cheia de encantos, a nos transmitir façanhas e importantes dados e experiências sociais e culturais. Contaram muito o discurso e a performance.

A voz guardada e transcrita é de fato um mistério. É com desconfiança que muitos deles olham para a maquineta infernal, do mesmo modo que o fizeram e fazem ainda os chamados informantes da etnografia tradicional.

No belo livro de Ismail Kadaré,<sup>2</sup> o escritor da Albânia nos conta a aventura de dois pesquisadores irlandeses, radicados em Harvard nos E.U.A (alusão aos arquivos de Albert Lord e Millman Parry), que ali chegaram para recolher a epopéia albanesa e desvendar a possível questão da epopéia pré-homérica. Enfrentaram a desconfiança de um povo ilhado, encontraram os rapsodos que tanto buscavam e gravaram as versões orais que poderiam trazer a chave daquilo que buscavam. Na véspera do retorno dos pesquisadores ao seu lugar de trabalho, dá-se o massacre e eles, só por sorte, escaparam com vida. Quebram-se o gravador, as fitas, as bobinas, como talvez em sinal de que seria impossível levar a memória de uma povo naquela concentração artificial que registra e conserva muitas coisas, porém mata algo. E aí, seria tarde demais para recomeçar todo um trabalho de recolha e registro, deixando os pesquisadores desesperados como nunca.

---

<sup>2</sup> Cf. Ismail Kadaré, *Le Dossier H*. Paris: Gallimard, 1989; Edição brasileira: *Dossier H*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Trouxe esse episódio aqui e o trago muitas vezes, impressionante que é para relacioná-lo, guardadas as especificidades de situação e de proporções. Ao transcrever pessoas que nos trazem um relato de seu tempo, o seu aprisionamento pela fita ou por outro meio de registro é um desafio (implicando recomposição, realce de fatos da memória, recriação) e um constrangimento, por reduzir a tão pouco tudo o que emana de uma presença (mutilação e transformação da vida em testemunho) e em arquivo possível, porém, mais que imperfeito.<sup>3</sup>

Parece que Jorge Zahar sabia disso. Não se sentia bem, queria revelar-se, ao mesmo tempo, não o queria. Gostaria de vencer o recato e dizer as coisas que não desejava ver registradas. O que nos ficou de dois encontros, tão interessantes, passou por vários crivos. Os dele e os de nosso entendimento.

É preciso rememorar que depois da visita de Ênio da Silveira e entusiasmados, convidamos o editor Jorge Zahar, ainda sob o impacto da realização do livro de Ênio que causou polêmicas e salutares discussões. Ele não se mostrou muito disposto a ceder imediatamente. Curiosa sua posição. Apesar de ser um editor sempre voltado para a universidade e para a transmissão de saberes universitários, recusou a idéia de ir falar ou gravar na universidade. Eu lhe disse que poderíamos fazer a reunião em nossa casa, e assim foi feito. Dela participaram Maria Otília Bocchini, Adriano Termignone, Magali de Oliveira Fernandes, à época meus orientandos, eu e Boris Schnaiderman.

Justamente ao contrário de Ênio da Silveira, Zahar não era de falar de si mesmo e foi muito difícil contar alguma coisa a mais. Conseguimos, com dificuldade, fazer avançar o depoimento. Insistíamos. Como eu sabia que ele gostava de tomar seu uisquinho, acenei mais uma vez com a

---

<sup>3</sup> COLOMBO, Fausto. *Os Arquivos Imperfeitos*. Tradução de Beatriz Borges. São Paulo: Perspectiva, 1991.

possibilidade de um drinque. Quando já estávamos para desligar o gravador, e lembrando o pioneiro trabalho de Maria Isaura Pereira de Queiroz,<sup>4</sup> perto da hora de seu amigo, o editor Luís Schwarcz vir buscá-lo, ele se entusiasma e começa a recitar, contando também coisas que deixara de dizer antes. Mas agora, já sem tempo, enquanto dizia Pablo Neruda, deu à sua voz uma vibração que não tínhamos sentido antes.

A fita demorou muitíssimo para ser transcrita. Havia falhas, textos nos quais a dicção não deixava perceber o sentido das palavras. Ainda mais, porque a gravação havia sido feita num fraco aparelhinho doméstico, não houve a possibilidade de maior empenho na gravação, tudo para não inibir o nosso editor.

Em 1996, depois de ter feito, eu mesma, uma leitura atenta e a preparação do texto, até então considerado como final, fui ao Rio por um dia, e de propósito para encontrar Jorge Zahar. Cheguei à rua México, como combinado, às 14 horas. Papéis na mão para uma reunião final, pretendendo trazer de volta o texto definitivo com acréscimos, e assim suprir as lacunas que nos ficaram. Aí, aconteceu o seguinte: em vez de acrescentar, ele cortava. Cortava tanto, que se eu não tivesse cuidado, o texto terminaria por desaparecer. Entre um e outro corte ele dizia: “Isto não precisa, não é? Ah, eu falei isto?” Eu diria que o encontro com Jorge Zahar foi agradável e até com algumas pequenas brincadeiras, como o fato de que repetíamos o nome da Fanfarlo, personagem de Baudelaire, e logo depois já o tínhamos esquecido (aliás é muito difícil para alguém ler-se transcrito).

O volume que enfatiza o original e devotado (quase santo) Cláudio Giordano foi assumido inteiramente por Magali Oliveira Fernandes e pelos alunos do curso de editoração da ECA/USP. No entanto, participei do recorte e tive um encontro com o editor na Oficina do Livro.

---

<sup>4</sup> Cf. Maria Isaura Pereira de Queiroz, “Relatos orais: do indizível ao dizível”, Revista *Ciência e Cultura*, nº 39, março 1997.

Devo dizer que o ritmo lento da realização deste conjunto se deve a muitas razões, desde as de ordem prática até as minhas contínuas deslocações, o acúmulo de trabalho e o envolvimento em outros projetos. Deixei de oferecer as disciplinas que tinha criado na pós-graduação da ECA e fui criar bases novas no programa de Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo, onde coordeno um centro de pesquisa, o de *Estudos da Oralidade*, uma linha de atuação *Poéticas da Oralidade* e projetos de pesquisa entre eles o da tradução da obra de Paul Zumthor. Mesmo assim, venho reativando as disciplinas de graduação que também iniciei naquela escola e que contemplam livros e edições populares, contando com a colaboração permanente de Magali Oliveira Fernandes.

Digo paixão, porque esta é a tônica dos depoimentos dos editores em foco, e mesmo porque diante de histórias de vida e profissão, de relatos que mergulham na memória reconstruída e na força da vivência presente, não podemos manter o ânimo frio. São as pulsões da voz e da vida que emanam destes encontros, textos recuperados, narrativas transmitidas, toda uma história de quem diz, embutida na expectativa e na atenção recriadora de quem ouve.

Ao longo desse tempo, reminiscências, fluxos e fragmentos de memórias muito vivas se reacendem, permitindo-nos captar algumas passagens que se ligam ao desenrolar do projeto e dessas próprias existências.

Infelizmente alguns dos nossos heróis foram tombando, ficando pelo caminho, deixando de trazer aqui sua presença.

Todo projeto implica um texto de expectativa mais ampla, que inclui o que se realiza ou não, o que se detém em mãos ou o que se supõe poder alcançar. Situamo-nos diante de um curso de tempo a vir, de uma virtualidade, de fatos e de realizações que se cumprem ou deixam de cumprir. Desse grande texto fazem parte vivos e mortos. Os que

participaram e os que foram pensados para participar, deixando de fazê-lo pelas mais diversas razões. De qualquer modo, todos se inscreveram no texto da intenção e da rasura, foram nos alcançando e gravando suas marcas. Deixamos, por exemplo, de preparar por causa de sua morte tão de repente, o volume de Caio Graco – Editora Brasiliense, e que já estava previsto, desde o início deste projeto.

No domínio da história oral, e encarando-a de modo bem especial, tanto neste projeto como em outras ocasiões, consideramos o projeto como um texto de cultura, pontado de protagonistas os mais diversos. Deles se evoca tanto o que se perdeu quanto o que foi possível encontrar. O que se disse ou o que não se pôde dizer, o que foi ficcionalizado ou projetado criando uma trama narrativa que remete a repertórios e a uma imaginação que recria os fatos, a seu modo.

O projeto *Editando o Editor* vai se fazendo replicar, criando novas adesões, organização de materiais e propondo as revisões possíveis em seu bojo.

Vão ocorrendo novos elementos no que se refere ao trato da sensibilidade ou ao próprio teor das informações.

A partir de agora está em discussão a preservação dos arquivos sonoros e visuais. Prevêem-se novos meios de gravar que incluem vídeo, DVD e outros. Em discussão estão também a urdidura do eu-arquivo (conforme Fausto Colombo), a conservação e a recuperação, a luta contra o esquecimento possível, os traços de ligação entre o pessoal e os sistemas sociais da memória.